



COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO MUSEU PARANAENSE: TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS

Cláudia Inês Parellada *

Resumo

No Museu Paranaense, fundado em 1876 em Curitiba, Paraná, sul do Brasil, estão catalogadas 3.500 coleções arqueológicas, compreendendo cerca de 325.000 peças, principalmente de líticos e cerâmica, além de ossos, metais, fósseis e sedimentos. As memórias e as trajetórias de muitas destas coleções estão diretamente relacionadas a história da arqueologia e a construção desta ciência no Brasil, e as mais recentes continuam promovendo articulações e diálogos com instituições nacionais e internacionais de pesquisas arqueológicas.

Palavras-chave: Arqueologia do Paraná; História da Arqueologia; Memórias em Museus.

Abstract

The Paranaense Museum, founded in 1876 in Curitiba, Paraná, southern Brazil, have 3,500 cataloged archaeological collections, comprising about 325,000 pieces, mostly of lithic and ceramic, and also bones, metals, sediments and fossils. The memories and the trajectories of many of these collections are directly related to the history of archeology and the construction of this science in Brazil, and the more recent acquired are continuing to do the articulation and dialogue with national and international archaeological research institutions.

Keywords: Parana's archaeology; Archaeological History; Memories in Museums.

* Cláudia Inês Parellada

Arqueóloga do Museu Paranaense, atuando como Pesquisadora Responsável pelo Setor de Arqueologia Graduada em Geologia, Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: parelladaclau@ig.com.br



REVISTA
MEMORARE



www.portaldeperiodicos.unisul.br

ISSN 2358-0593

O Museu Paranaense e a memória das coleções arqueológicas entre 1876 e 1936

No estudo foi utilizado o enfoque da arqueologia pós-processual, pois as leituras contribuem para o presente através de uma análise crítica do passado (HODDER, 1988; TRIGGER, 2004).

A arqueologia não é o estudo do objeto, mas de processos de debate surgidos com a evidência material; afinal, a cultura material não reflete de forma passiva a sociedade, porém permite visualizar os diferentes grupos através da ação de indivíduos. O debate arqueológico vem se concentrando nas relações entre cultura material e sociedade, nas causas de mudanças sociais, econômicas e culturais, e na epistemologia e na inferência, ou seja, como interpretam o passado os arqueólogos (PREUCEL & HODDER, 1996).

As coleções arqueológicas foram sendo incorporadas ao acervo do Museu Paranaense em diferentes momentos iniciados desde o planejamento da instituição em 1874, inaugurada oficialmente em 1876. Representaria no sul do Brasil, em Curitiba, Paraná, um movimento de intelectuais no século XIX, especialmente franceses, como Nora (1993) detalha em suas discussões, que buscava caracterizar uma consciência nacional, uma memória coletiva, legitimando um passado e a própria nação através da junção de diferenças. Assim, no final do século XIX foram realizados muitos eventos expositivos de curta a média duração, além da criação de novos espaços fixos, inclusive museus de variedades, onde estas temáticas seriam acessadas pelo grande público.

O Museu Paranaense surge como Museu de Curitiba em 1876, uma instituição privada, tendo como seus primeiros diretores o desembargador Agostinho Ermelino de Leão e o médico José Cândido da Silva Murici, responsáveis pela reunião de materiais arqueológicos, antropológicos e históricos que poderiam participar de exposições nacionais e internacionais e mostrar aspectos diferenciados do Paraná (FERNANDES, 1936; TREVISAN, 1976).

Em 1882, data da Exposição Antropológica Brasileira, no Rio de Janeiro, foi editado um catálogo dos objetos enviados (LEÃO, 1882), como ossos humanos do sambaqui do Goulart, em Antonina, e vários artefatos líticos, como lâminas de machado e pontas de flechas, entre outros (RANKEL, 2007)

Na época, o acervo era bastante diversificado, e a incorporação de objetos arqueológicos e indígenas acontecia através de doações esporádicas por intelectuais, empresários e populares, que encontravam esses vestígios em áreas de plantações agrícolas, na abertura de estradas e ruas, na construção e reforma de edificações, e mesmo, comprados ou trocados com indígenas.

Ao mesmo tempo desta grande exposição, em 1882, o museu passa a pertencer à Província do Paraná com o nome de Museu Paranaense, e tem o seu regulamento aprovado (CARNEIRO, 2001).

Leão (1900) publica um guia do museu com a descrição dos objetos, os arqueológicos se destacavam pela quantidade, ao acontecer a inauguração da segunda sede da instituição, na rua Dr. Muricy com a Cândido Lopes, área central de Curitiba. São mencionados vasilhames cerâmicos relativos a povos Guarani, os “vasos e panellas”, seis coletados dos Cayguás, e outros oriundos das ruínas da missão jesuítica de San Ignacio Mini (1610-1631), onde foram aldeados 10.000 indígenas, a maioria Guarani. Entre 1862 e 1878 existiu a Colônia Indígena de Santo Inácio do Paranapanema, no mesmo local da missão, cujas ruínas na atualidade localizam-se no município paranaense de Santo Inácio; muitos objetos acabaram sendo coletados naquele momento e enviados ao Museu Paranaense.

Romário Martins, jornalista e diretor do Museu Paranaense entre 1902 e 1926, elaborou diversas publicações sobre materiais arqueológicos e os povos indígenas no Paraná, especialmente sobre os Kaingang e os Guarani, e canalizou esforços para ampliar o acervo (MARTINS, 1906, 1925).

Pois, os indígenas visitavam com frequência a instituição, e Martins registrava relatos e mitos, além de receber objetos, alguns em cerâmica, sendo comuns pequenos recipientes e cachimbos. Em catálogo de 1925 descrevem-se vasilhas provenientes das ruínas da vila espanhola de Ciudad Real (1556-1632), nas margens do rio Paraná, bem como fotografias e dados sobre vasilhames Tupiguarani escavados em áreas urbanas do litoral paranaense.

Também havia regularidade nas visitas de Romário Martins em áreas de Curitiba e circunvizinhanças, onde estivessem grupos indígenas em trânsito, como apontam diferentes periódicos e imagens da época. Ainda deve ser comentado que Martins foi o responsável pela elaboração de vários mapas com aspectos físicos do Paraná, que também incluíam os principais acessos, cidades e vilas, além das bacias hidrográficas e muitas áreas com sítios arqueológicos coloniais e aldeias indígenas acabaram sendo incluídos em vários dessas representações cartográficas. Estes mapas fornecem pistas importantes na compreensão da formação do acervo arqueológico no Museu Paranaense.

As novas estratégias em relação ao acervo arqueológico no Museu Paranaense: 1936 a 1966

Em 1936, com a nomeação do médico e antropólogo Loureiro Fernandes como diretor do Museu Paranaense houve alterações no tratamento do acervo, através da criação de

departamentos técnicos com novos pesquisadores. Antigos objetos foram reanalisados, e a partir de 1938 aconteceu uma significativa ampliação das coleções etnográficas e arqueológicas através do financiamento de pesquisas em várias áreas do litoral e interior do Paraná, inclusive em parceria com a Universidade do Paraná (MENEZES, 1967; KERSTEN, 2000; FURTADO, 2006). Em 1940, dois vasilhames Tupiguarani da Ponta do Caju, em Paranaguá, foram doados a instituição, um com pinturas geométricas internas.

Loureiro Fernandes buscou incessantemente o aumento do acervo do museu, inclusive através da aquisição coleções particulares, especialmente com objetos indígenas, como exemplos a de Telêmaco Borba e a do fotógrafo José Ruhland, de Florianópolis, gerente da Sociedade Livonius, de Blumenau, sendo a última adquirida em 1941. Na coleção Ruhland estão presentes muitas peças da etnia Xokleng.

Também fomentou pesquisas etnográficas, como as da austríaca Wanda Hanke, e, imagéticas, como as de Vladimir Kozak, sendo documentados vários grupos indígenas da América do Sul, inclusive os Caiuá no Mato Grosso do Sul, o que trouxe muitos materiais cerâmicos para a instituição.

Entre 1950 e 1965, o Museu Paranaense recebia parte do material recuperado em campo de vários cursos intensivos de arqueologia realizados no Paraná, desenvolvidos em conjunto com a Universidade do Paraná, atual Universidade Federal do Paraná (UFPR), observar Chmyz (2006).

Em 1954, com o apoio de Loureiro Fernandes, houve a criação do Instituto de Pesquisas da UFPR, que junto com o Museu Paranaense, realizou diversas escavações em sítios do Paraná. Depois aconteceu a separação da Universidade, mas o Museu Paranaense continuou a realizar pesquisas arqueológicas intensivas em praticamente todo o Paraná (OLIVEIRA, 2002).

Loureiro Fernandes, com intervalo entre 1943 e 1945, dirigiu o Museu Paranaense até 1946, sendo substituído por Carlos Stellfeld, entre outros pesquisadores, diretores posteriores, muitos cientistas e que possuíam um estreito vínculo com a Universidade do Paraná. Com o avançar do tempo muitos pesquisadores voluntários no Museu Paranaense transformaram-se em professores e pesquisadores da agora Universidade Federal do Paraná, diminuindo a presença de equipes multidisciplinares na instituição.

As escavações no vale do rio Ivaí nos sítios arqueológicos José Vieira e Estirão Comprido, respectivamente nos municípios paranaenses de Guaporema e Prudentópolis, onde ocorriam múltiplas ocupações, sendo as mais recentes Tupiguarani, revelaram a importância de pesquisas arqueológicas mais intensivas. Muitos crânios e esqueletos comparativos de animais silvestres acabaram sendo coletados e inseridos nas coleções do Setor de Arqueologia durante as atividades de campo dessa época, que são essenciais na análise e identificação dos materiais



ósseos recuperados em escavações arqueológicas, que geralmente representam pequenos fragmentos ósseos.

Também eram desenvolvidos estudos etnográficos comparativos, como os dos índios Xetá, da família linguística Tupi-guarani, quando linguístas, arqueólogos e etnógrafos se reuniram para discutir esta população nativa que resistia a ocupação do oeste paranaense em 1955.

Os cursos eram ministrados por arqueólogos brasileiros e estrangeiros, como Altenfelder Silva, Oldemar Blasi, Anette Laming e Joseph Emperaire, entre muito outros, que formaram os arqueólogos brasileiros pioneiros (LAMING-EMPERAIRE, 1968).

Muitas coleções arqueológicas foram incorporadas ao Museu Paranaense, nesse momento, especialmente relacionadas a sambaquis da costa litorânea paranaense, como os de Matinhos, Guaraguaçu, da Ilha do Corisco, dos Ratos, entre outros (observar síntese de referências em PARELLADA & GOTTARDI, 1993).

O cineasta e documentarista Vladimir Kozak registrou várias atividades dessa época, tanto em fotografias, slides, pinturas a óleo e aquarelas, além de filmes e registros sonoros, todos esses materiais, inclusive equipamentos e mobiliários, foram incorporados ao acervo do Museu Paranaense a partir de 1979, data de falecimento de Kozak, que não possuía herdeiros. São muitos os documentos imagéticos dele relacionados aos estudos em sambaquis do Paraná e Santa Catarina, dos sítios arqueológicos Estirão Comprido e Villa Rica, além de povos indígenas brasileiros, com destaque a alguns do sul do Brasil, como das etnias Xetá, Guarani, Kaingang e Xokleng.

Em 1966, Vladimir Kozak ainda conseguiu fazer o registro da manufatura de redes em urtiga brava por índia Xokleng, que usou bigorna e batedor em diabásio para a retirada da fibra; dessa mesma época aquele cineasta documentou em filme e fotografias a produção de cerâmica por índia Xokleng, em Ibirama, Santa Catarina, através das técnicas do modelado e roletado, com queima a céu aberto, e argila coletada na própria região (PARELLADA, 2006).

Ainda, como auxílio a compreensão da tecnologia de manufatura da cerâmica do litoral paranaense, Kozak registrou a Senhorinha Romão e seus auxiliares, em 1960, que utilizavam uma mistura de técnicas indígenas e caboclas para fazer panelas e tigelas com asas.

Em 1963, parte do acervo arqueológico e etnográfico do Museu Paranaense foi repassado para o Museu de Arqueologia e Artes Populares da Universidade do Paraná, criado por Loureiro Fernandes e hoje denominado Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE-UFPR), cuja área de visitação fica em Paranaguá, e a reserva técnica em Curitiba.



As Coleções e as Pesquisas Arqueológicas no Museu Paranaense entre 1967 e 2013: a ciência sendo ressignificada

Oldemar Blasi, que ocupou a direção do Museu Paranaense entre 1967 e 1983, coordenou várias pesquisas arqueológicas no Paraná, sendo as principais desenvolvidas em sambaquis paranaenses, como o do Macedo (HURT & BLASI, 1960), e sítios do interior paranaense, como Estirão Comprido, o de Barracão, no município de mesmo nome, o do Passo do Meio, em Porto Amazonas, o do Alto da Glória, em Irati, o da Linha Santa Clara, em Capanema, além dos abrigos com pinturas rupestres no Canyon Guartelá, área dos Campos Gerais. Além disso, Blasi realizou pesquisas em áreas coloniais espanholas no Paraná, como Ciudad Real e Villa Rica, dos séculos XVI e XVII, e nas missões jesuíticas San Ignacio Mini e Loreto, do século XVII (BLASI, 1961, 1963a, b, 1965, 1966, 1967, 1970, 1972, 2007; CHMYZ & BLASI, 1963; BLASI et al., 1987).

Desde 1985, o Museu Paranaense voltou a realizar diferentes projetos arqueológicos, que propiciaram a entrada de um maior número de profissionais especializados, com a ampliação dos estudos multidisciplinares. No sítio Tupiguarani Estádio de Sengés foi evidenciada a organização espacial da aldeia, inclusive com as áreas de roça e as de queima dos vasilhames (PARELLADA, 1993).

Entre 1988 e 1989 foi pesquisado o sítio São José, no vale do Ivaí, que depois das análises se caracterizou como a missão jesuítica de San Pablo del Inaí, do início do século XVII. Muitos dos vasilhames recuperados foram restaurados e fazem parte da exposição de longa duração do Museu Paranaense. Também houve a retomada de análises de antigas coleções sob guarda do Museu Paranaense, como as de Villa Rica del Espiritu Santo e Estirão Comprido, gerando novas discussões (PARELLADA, 1997).

Em 1990, houve a doação de inúmeros vestígios recuperados pelo arqueólogo José Wilson Rauth, que estavam em Cornélio Procópio, sendo a maioria relativa a sambaquis do litoral paranaense, alguns com reocupações Tupiguarani e Itararé-Taquara.

A documentação de novos sítios arqueológicos, e a entrada de novas coleções, desde 1990, tem acontecido principalmente através de projetos decorrentes de obras civis no Paraná, tanto o diagnóstico do patrimônio arqueológico como a implantação de programas básicos, como de prospecções intensivas, resgate arqueológico e educação patrimonial.

Entre 1990 e 2013 foram desenvolvidos vários projetos, do setor de arqueologia do Museu Paranaense, com ampla temática: geoarqueologia, resgate, sensoriamento remoto, arqueologia da paisagem, arte rupestre, arqueologia histórica, tecnologia cerâmica e lítica,

etnoarqueologia, arqueologia experimental, antropologia visual, arte e artesanato indígena, e musealização da arqueologia.

Um exemplo de projeto foi o Cavernas de Morro Azul, executado de 1992 a 1993 no município de Ventania, quando aconteceu o estudo do sítio com maior número de pinturas rupestres no Paraná e a caracterização do patrimônio arqueológico daquela região (GOTTARDI NETO, 1995).

Nos Campos Gerais, em 1999, Melo e Parellada orientaram a monografia de Alessandro Silva, sobre o abrigo Usina São Jorge, em Ponta Grossa, que possui muitas pinturas, como figuras de animais, cervídeos e aves, além de poucas representações geométricas, algumas danificadas por vandalismo (SILVA et al. 2007). Em 2002, esta arqueóloga orientou a monografia de Lima e Justo, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sobre aspectos pré-coloniais e históricos do vale do Iapó (PARELLADA, 2009b).

Como exemplos têm-se os resgates arqueológicos na Usina Hidrelétrica (UHE) Salto Caxias (1995-2001), nas Linhas de Transmissão em 525kV entre a UHE Salto Caxias e a Subestação Cascavel (2000), na Pequena Central Hidrelétrica (PCH) Salto Natal (2001-2002), nas Linhas de Transmissão entre Bateias e Jaguariaíva (2003-2004), nas UHE's Santa Clara e Fundão (2002-2004), na Barragem Piraquara II (2003-2006), nas Linhas de Transmissão em 500kV entre Cascavel e Foz do Iguaçu (2009-2013), na PCH Cavernoso II (2010-2013), entre vários outros (PARELLADA, 2006, 2007a,b, 2008a,b, 2009a,b).

O acervo do Museu Paranaense foi dividido com a criação de várias instituições no século XX, como por exemplo, em 1963, na fundação do Museu de Arqueologia e Artes Populares da Universidade do Paraná, em Paranaguá, quando parte do acervo arqueológico e etnológico foi repassado a esse novo museu.

Entre 1994 e 1999, foram criados, no interior do Paraná, alguns museus e centros culturais com parte do acervo arqueológico emprestado do Museu Paranaense. Assim, houve a inauguração, em 1990, do Museu do Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo, em Fênix, Paraná, em 1994, do Centro Cultural de Cidade Gaúcha, em município do oeste paranaense, no baixo rio Ivaí, e, em 1999, do Museu Regional do Iguaçu, junto à Usina Hidrelétrica de Segredo, no médio rio Iguaçu, em Reserva do Iguaçu, entre outras instituições (PARELLADA, 1997, 2006; BRUNO, 1999; GUSMÃO, 2009).

As coleções arqueológicas estão especialmente relacionadas às ocupações humanas em território compreendido atualmente pelo Estado do Paraná, no sul do Brasil, sendo que a periodização pode ser observada na tabela 1.

Tabela 1 - Periodização arqueológica para o Paraná.

ARQUEOLOGIA	PERÍODO	GRUPOS	TRADIÇÕES
Pré-colonial	Desde 10.000 anos AP (antes do presente)	Caçadores – coletores	Sambaquis
			Bituruna
	Desde 4.000 anos AP Desde 2.000 anos AP	Agricultores – ceramistas	Umbu
			Humaitá
Histórica	A partir do século XVI	Europeus, jesuítas, índios contactados, membros de expedições de conquista, tropeiros, imigrantes	Planalto
			Geométrica
			Itararé-Taquara
			Tupiguarani
			Neobrasileira e Histórica

Parellada (1997) fez um estudo detalhado dos materiais provenientes da segunda fundação da cidade colonial espanhola de Villa Rica del Espiritu Santo, com a análise e caracterização de cerca de 15.000 peças existentes nas coleções do Museu Paranaense, especialmente em cerâmica, lítica e ósseos.

Parte da coleção de louças brancas históricas, especialmente em faiança e porcelana, cerca de 4.000 peças, foi estudada por Morales (2014), que fez um catálogo dos fragmentos apontando diferentes aspectos decorativos e os selos identificados no material estudado.

Conceitos: patrimônio arqueológico e aspectos legais

O patrimônio arqueológico foi incluído pela Constituição Federal Brasileira de 1988, nos artigos 215 e 216, como patrimônio cultural nacional com direitos assegurados pelo Estado. No artigo 20, X, os sítios arqueológicos e pré-históricos são considerados bens da União.

A Carta de Lausanne, de 1990, do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), organização civil internacional ligada a UNESCO, considera que o patrimônio arqueológico “engloba todos os vestígios da existência humana e está relacionado a todos os lugares onde há indícios de atividades humanas, não importando quais sejam elas; estruturas e vestígios abandonados de todo tipo, na superfície, no subsolo ou sob as águas, assim como todo material a eles associados” (BASTOS & SOUZA, 2008). Conforme a legislação vigente no Brasil, a lei 3924 de 1961, que dispõe sobre os locais pré-históricos e históricos, e a resolução 1 de 1986 do CONAMA, além do Art. 217 (capítulo III, seção II) da Constituição de 1988, são necessárias pesquisas que caracterizem o patrimônio arqueológico, para mitigar os impactos que a implantação de obras civis acarreta a este acervo.

A lei de crimes ambientais 9605/ 1998, na seção IV sobre crimes contra o ordenamento urbano e o patrimônio cultural, dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, incluindo o patrimônio arqueológico.

A portaria 7 do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), de dezembro de 1988, definiu os critérios para as permissões de pesquisas arqueológicas e temas relacionados, aprofundados com a portaria 230 do IPHAN. A portaria 230, de 17 de dezembro de 2002, estabelece a exigência de estudos de impacto nos vestígios arqueológicos nas três fases da licença ambiental: prévia, de instalação e de operação, em obras potencialmente capazes de afetar o patrimônio arqueológico.

Uma mudança na portaria 230 do IPHAN tornou essencial a execução de programas de educação patrimonial associados às pesquisas arqueológicas. Com isso, os arqueólogos passaram a ter responsabilidades que incluem não somente a produção das informações científicas, mas também o envolvimento da comunidade na gestão do patrimônio, como as apresentadas por Horta et al. (1999) e Parellada et al. (2006).

A palavra arqueologia vem do grego *archaios*-antigo e *logos*-tratado, ou seja, significa o estudo de tudo que é antigo. A arqueologia, entretanto, pode ser definida como a ciência que busca a compreensão do passado através de vestígios da cultura material, de representações simbólicas, ou ainda de traços de casas, aldeias, cidades, fogueiras e sepultamentos de diversos povos.

Sítio arqueológico pode ser definido, conforme Chang (1968), como sendo o "local físico ou conjunto de locais onde membros de uma comunidade viveram, garantiram a subsistência e exerceram as funções sociais em dado período de tempo". Chang (1968) ainda destaca que qualquer definição de sítio arqueológico estará incompleta se não for levado em conta a sua relação com o ambiente que seus habitantes estavam em contato significativo.

A arqueologia paranaense pode ser dividida em pré-colonial e histórica, sendo que os sítios históricos seriam ruínas e vestígios, da cultura material, relacionados à ocupação europeia, dos séculos XVI a XX, no território atualmente compreendido pelo Paraná. Os vestígios pré-coloniais seriam representados por artefatos, sepultamentos humanos, restos de habitações e da dieta alimentar, relacionados tanto a populações caçadoras e coletoras, como a povos ceramistas que habitavam o Paraná. Ainda podem ser encontradas, em alguns sítios arqueológicos, as representações simbólicas destas populações, como as pinturas e gravuras rupestres.

Os diversos sítios estudados no Paraná, para poderem ser melhor compreendidos, foram agrupados, a partir de 1960, segundo metodologia do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA, 1976), em tradições e fases, sendo que a tradição representa um grupo de sítios onde uma série de elementos ou técnicas tem persistência temporal. No Paraná



foram identificadas as seguintes tradições: Paleoíndios, Umbu, Humaitá, e de sambaquis, relacionadas a povos caçadores-coletores, e Itararé-Taquara e Tupiguarani, filiadas a grupos agricultores e ceramistas. Para as pinturas e gravuras rupestres caracterizaram-se as tradições Planalto e Geométrica.

A fase, segundo o PRONAPA (1976), seria constituída por qualquer conjunto lítico, cerâmico, e de padrões de habitação, relacionados no tempo e no espaço, num ou mais sítios. Criaram-se diversas fases para cada tradição definida no Paraná, sendo muitas as informações que podem ser obtidas em publicações regionais até 1990. O conceito de fase foi abandonado, porém, a tradição ainda se configura na estratégia classificatória de dados arqueológicos mais usada no Brasil, e vem permitindo e permeando a maior parte dos diálogos de arqueologia regional (PARELLADA, 2006).

As coleções arqueológicas do Museu Paranaense, incluindo a do acervo ao antigo Museu David Carneiro, são tombadas a nível federal pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Assim, duas das seis coleções arqueológicas tombadas a nível federal estão reunidas no acervo do Museu Paranaense.

As coleções arqueológicas no Museu Paranaense: gestão e conservação preventiva

O início da informatização foi iniciado em 1995, com a chegada de equipamentos e software compatíveis com a implantação de um novo sistema de gerenciamento das coleções arqueológicas, e o trabalho vem sendo detalhado ao longo do tempo, no início a partir de debates com arqueólogos e museólogos da Universidade do Arizona, como aponta Bell (1993), Loredó (1994), IPHAN (2006), Lima (2007), e Getty (2007).

Atualmente, as cerca de 3.500 coleções arqueológicas estão informatizadas, sendo que em fevereiro de 2013 somavam aproximadamente 325.000 peças, sendo o gerenciamento do banco de dados realizado através do software Access.

A gestão de acervos em museus implica em programas e projetos de pesquisa permanentes, com atualização rotineira e monitoramento contínuo visando a ampliação da qualidade e do aprofundamento dos dados relativos a cada objeto em cada uma das coleções. Além disso, a conservação preventiva e a avaliação das coleções tanto em reserva técnica quanto em exposição, de curta a longa duração, devem ser objetivos institucionais.

O sistema de gerenciamento das coleções arqueológicas é constituído por um conjunto de tabelas relacionadas, sendo que na principal existem os seguintes campos: número da coleção, nome da área ou do sítio arqueológico, país, estado, município, coordenadas em utm base SIRGAS 2000 (o mesmo do Google Earth) do ponto central da localidade ou do sítio



arqueológico, altitude do ponto central do sítio arqueológico e/ ou da coleta, projeto científico, número total de peças, descrição sintética das peças com identificação da matéria-prima, classificação, descrição dos locais de coleta, níveis associados, data da coleta, data da doação, coletores e/ ou doadores, referências bibliográficas, indexação das caixas, localização na reserva técnica, e observações, inclusive relativas à gestão e à conservação do acervo. A partir desta tabela principal são emitidos formulários e relatórios, impressos em razão de projetos em execução no Museu Paranaense, ou mesmo, para esclarecer questões relativas ao acervo.

A ampliação da revisão de materiais e documentos existentes no acervo da instituição também contribui para uma maior compreensão da ocupação humana em território paranaense.

As coleções de Arqueologia estão centralizadas na RT3, sendo que, dentre as 325.000 peças, encontram-se 195.000 materiais líticos (58,5% do total), 92.500 fragmentos e/ ou vasilhames cerâmicos – inclusive louça (28,5%), 39.000 ossos humanos e de animais arqueológicos e comparativos- inclusive dentes, conchas e animais taxidermizados (12%), 2.550 amostras sedimentológicas, geológicas e de datação (1%), e 450 metais e amostras paleontológicas (menos de 1%), observar tabela 2.

Estas coleções representam vestígios materiais de cerca de dez mil anos, relacionados a povos caçadores-coletores, até evidências recuperadas em ruínas de construções do início do século XX, em áreas onde houve pesquisas arqueológicas.

Na exposição de longa duração do Museu Paranaense estão reunidas cerca de 2.500 peças relativas às coleções arqueológicas, outra parte está emprestada a exposições de curta a longa duração por diferentes museus do Estado do Paraná: Museu Regional do Iguaçu, Centro Cultural de Cidade Gaúcha, Museu Arqueológico de Vila Rica do Espírito Santo, entre outros, além de estar inseridas na Reserva Técnica 3 do Museu Paranaense.

Tabela 2 - Quantificação por tipologia das peças arqueológicas até fevereiro de 2013

	Tipologia	Nº de peças	% do total
	Líticos, inclusive gravuras e monólito	190.000	58,46
	Cerâmica, inclusive louça	92.500	28,46
	Ossos humanos arqueológicos e comparativos	18.000	5,54
	Ossos, dentes e conchas de animais arqueológicos e comparativos	21.000	6,46
	Amostras sedimentológicas, geológicas, e datação	2.550	0,79
	Metais	500	0,15



	Fósseis e moldes de gesso de hominídeos	450	0,14
TOTAL		325.000	100

A numeração das coleções arqueológicas desde 1947 é tripartite, ou seja, partida em três partes, X.Y.Z, o X representa a sequência de entrada da coleção no ano, o Y é o ano de entrada da coleção, e o Z é o número de identificação de cada peça da coleção. Essa forma de numerar as peças foi planejada pelo pesquisador José Loureiro Fernandes, que havia estagiado em museus franceses em anos anteriores, quando cursava um Programa de Pós-Graduação em Medicina na França.

Assim, a peça 3.2001.1401 seria, por exemplo, o objeto número 1401 pertencente à terceira coleção que foi incorporada no Setor de Arqueologia no ano de 2001.

Nas coleções de 1.47.Z a 2.62.Z houve renumeração nos materiais arqueológicos do Museu Paranaense incorporados entre 1876 e 1946, parte deles está atualmente depositado no Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá, da UFPR, e no Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, CEPA, também da UFPR.

Parte dos materiais cerâmicos passou por restauração por métodos reversíveis, e, assim, na análise houve a diminuição do número de fragmentos. As peças de uma mesma coleção têm a numeração agrupada de acordo com a área de coleta. As peças arqueológicas estão sendo embaladas individualmente com sacos auto-fecho em polietileno de baixa densidade transparente (PEBD), herméticos, que aliam praticidade e resistência, e evitam o atrito entre os materiais.

A marcação, geralmente, é realizada em nanquim preto sobre uma camada em verniz acrílico, que recebe uma proteção de verniz sobre a numeração. Algumas vezes, devido a irregularidades, faz-se necessário aplicar uma camada de nanquim branco para depois indexar a peça com nanquim preto. Essa marcação, conforme critérios adotados internacionalmente e pelo CNA/ IPHAN, deve ser realizada uma vez, e se houver o reposicionamento destes materiais para um local mais próximo da área de coleta, deverão existir garantias em relação a que não ocorram novas marcações nas peças, além de todas as normas e parâmetros em relação a segurança e conservação de acervo arqueológico, no transporte, armazenamento e exposição das peças, preconizados pelo ICOM e pelo ICOMOS da UNESCO.

Boa parte das peças está higienizada e numerada individualmente, organizada em caixas de placas em polietileno corrugado com estrutura alveolar ou em caixas rotomoldadas. Pequena parte, especialmente vestígios recuperados em escavações arqueológicas, e que apresentam possibilidades de identificação do tipo de caça atingida, dos grãos armazenados ou preparados, é conservada sem a higienização, para poderem sofrer análises específicas e reanálises. As cores

das embalagens são variadas de acordo com os materiais, etiquetadas segundo a ordem de numeração das coleções. Parte das peças está protegida com etaphoam, espuma de polietileno e/ou papel de ph neutro.

A maioria das caixas em polietileno corrugado tem dimensão padronizada de 35x 24,4x 13cm, sendo que em algumas situações houve a necessidade de ampliação da altura das caixas para a inserção de materiais com tamanhos que ultrapassavam os limites da caixa padrão. Assim, existem outras dimensões, especialmente as caixas com materiais ósseos e de conjuntos cerâmicos, tais como 33,5x 25,5x 18cm, 37x 28x 21,2cm e 43,7 x31x 24cm.

Os materiais arqueológicos estão separados por matéria-prima nas embalagens: as azuis corrugadas possuem especialmente cerâmica e etiquetadas entre 1C e 1500C, as cinzas tem materiais líticos e caixas numeradas de 1L a 1600L (apesar do maior número as peças estão mais compactadas), as pretas e transparentes estão com ossos humanos arqueológicos, com embalagens de 1 HA e 150HA, e comparativos 1HC a 5HC. As caixas corrugadas amarelas e verdes possuem materiais ósseos de animais arqueológicos, etiquetadas de 1ZA a 170ZA, e ossos arqueológicos de animais, de 1ZC a 120ZC. As vermelhas estão com metais, vidros, grês, faianças finas e porcelanas (apesar de serem cerâmicas elas foram inseridas em caixas de cor diferenciada devido a estarem associadas a outros objetos históricos) e sedimentos. Os materiais geológicos e fósseis estão acondicionados em caixas amarelas e rotomoldadas cilíndricas brancas.

As caixas estão organizadas em estantes de aço, com mezanino, algumas esmaltadas e outras com pintura em epoxi-pó, a mais recomendada para o uso neste caso, sendo todas as áreas da reserva técnica estão sinalizadas e indexadas na tabela principal do banco de dados com as 3.500 coleções.

Em dezembro de 2002, com a reforma parcial de dois prédios e a construção de uma terceira contrução, conjunto que abrange a sétima sede do Museu Paranaense, bem como a instalação de equipamentos de ar-condicionado e desumidificadores, os materiais arqueológicos e a documentação associada foram armazenados em reservas técnicas climatizadas.

A reserva técnica com acervo arqueológico possui temperatura média de 21° C e umidade de 60%, constantes, através do sistema de refrigeração, e o controle de infestações, vem ajudando na conservação dos materiais orgânicos e inorgânicos resgatados em campo ou já existentes no Museu.

A Reserva Técnica 3 tem área de 189,40 m² e o volume de 1356,10 m³. O mobiliário para o acondicionamento dos acervos é representado, em especial, por estantes fixas, parte dois diferentes mezaninos, além de armários e arquivos de aço. A altura da reserva técnica 3, 7,16m, tornou possível a estruturação de estantes em níveis superiores, onde há uma pequena

diminuição da temperatura devido a proximidade das saídas do ar condicionado, conforme Mirabile et al. (2011).

As peças embaladas, ou não, das coleções arqueológicas estão posicionadas em um dos mezaninos de aço com 24 estantes, de 0,93x 0,45x 4,48m, que tem 9 prateleiras, e 34 estantes, de 0,93x 0,45x 2,48m, com 5 prateleiras, 4 estantes fixas, de 0,93x 0,45x 2,48m, com 4 prateleiras, de mais 16 estantes fixas, de 0,93x 0,42x 1,90m, com 4 prateleiras, além de 5 estantes fixas, de 0,93x 0,42x 1,90m, com 3 prateleiras e 1 estante pequena, com 5 prateleiras, medindo 0,90x 0,50x 1,50m.

Também há três armários fechados, com 0,90x 0,80x 2,00m, de quatro prateleiras. Esta quantidade de estantes estava presente desde o final de 2013 na RT3.

Em 2006, a com o Programa de Voluntariado Paranaense (Provopar), a Secretaria de Estado da Educação do Paraná e a Assessoria de Estudos Indígenas, que culminaram na elaboração do “Kit da Cultura Indígena”, financiado pelo Provopar e distribuído para bibliotecas e professores das escolas públicas e instituições culturais do Paraná. Esse conjunto de materiais inclui um livro didático e um dvd sobre a história, a memória e os horizontes dos povos indígenas no Paraná, um cd com músicas Guarani, e vinte peças de artesanato Kaingang e Guarani, incluindo cestos, colares, miniaturas em madeira e cachimbos, entre outros (PARELLADA et al. 2006).

Ainda vem sendo realizados, pelo Museu Paranaense e pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, em conjunto com outros órgãos governamentais e não governamentais, cursos, oficinas e debates sobre as etnias Kaingang, Xokleng, Guarani e Xetá, especialmente em relação aos temas cerâmica, arte, artesanato, e análise e gerenciamento da cultura material. Projetos de estudos arqueométricos da cerâmica, dos trançados, dos tecidos e das pinturas rupestres, como a fluorescência por raio-X e espectroscopia Raman, além de outras análises químicas e físicas, estão sendo construídos e desenvolvidos, em parceria com universidades públicas federais e estaduais, especialmente o Laboratório de Física Nuclear da Universidade Estadual de Londrina coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Roberto Appoloni (APPOLONI et al., 2010, 2011).

Coleções ósseas humanas no Museu Paranaense

Atualmente, no Museu Paranaense, existem 41 coleções ósseas humanas, relacionadas a 31 diferentes sítios arqueológicos, que totalizam aproximadamente 18.000 ossos e/ ou fragmentos ósseos humanos. Desse total de coleções 35 foram recuperadas em 25 sítios arqueológicos paranaenses: 14 de sambaquis do litoral, e 11 de sítios arqueológicos do interior,

relacionados principalmente a populações ceramistas e agricultoras filiadas às Tradições Arqueológicas Itararé-Taquara e Tupiguarani.

Os materiais ósseos humanos abrangem um período de tempo que vai desde cerca de oito mil anos atrás, relacionados a grupos caçadores-coletores, até materiais recuperados junto a ruínas de missões jesuíticas do início do século XVII, em áreas onde foram desenvolvidas pesquisas arqueológicas.

Os sambaquis paranaenses com materiais ósseos humanos no museu são os seguintes:

- no município de Guaraqueçaba: Tromomo e Foz do Poruquara;
- em Antonina: Rio São João e João Godo I;
- em Morretes: Gomes, Ramal e Rio Jacareí;
- em Paranaguá: Porto Maurício;
- em Pontal do Paraná: Pontal do Paraná I e Guaraguaçu II;
- em Matinhos: Matinhos I;
- em Guaratuba: Ilha dos Ratos, Casqueira, e Ilha das Laranjeiras.

Os sítios arqueológicos paranaenses do interior, relacionados a grupos caçadores-coletores da Tradição Umbu, e com material ósseo no Museu Paranaense, são: no município de Prudentópolis, o de Estirão Comprido. Os sítios filiados à Tradição Itararé-Taquara, que possuem vestígios esqueléticos humanos no museu são: no município de Sengés, o Abrigo do Pontão, em Guaporema, no José Vieira, em Prudentópolis, no Estirão Comprido. Os filiados à Tradição Tupiguarani são: no município de Sengés, o sítio arqueológico do Estádio Municipal, em Capanema, o de Santa Clara Antiga, em Prudentópolis, o de Estirão Comprido, em São Pedro do Ivaí, o de São José, em Fênix, o da Fazenda São Carlos. Ainda existem ossos e fragmentos ósseos humanos recuperados em dois sítios arqueológicos onde há ruínas de missões jesuíticas, da Província del Guairá, do início do século XVII: no município paranaense de Santo Inácio, da redução de San Ignacio Mini, e em São Pedro do Ivaí, na de San Pablo del Iniaí.

Materiais ósseos de duas coleções não puderam ainda ser filiados a Tradições Arqueológicas, como os da Chácara Samambaia, do município paranaense de Castro, e o da Gruta Capoava, materiais doados do município paranaense de Adrianópolis.

Existem seis coleções ósseas humanas de outros estados do Brasil: de São Paulo, município de Ribeira, ossos foram recuperados na Caverna Tijuco, do Rio Grande do Sul, em Torres, do sambaqui da Guarita I, e de Santa Catarina, de cinco sítios arqueológicos localizados em Barra do Saí, Garuva e Campo Grande.

Para a análise comparativa, do material ósseo arqueológico, o museu dispõe de dois esqueletos completos recentes, sendo um articulado, além de dois crânios humanos preparados para estudos.



A maior parte dos 18.000 ossos e fragmentos ósseos humanos do Museu Paranaense está dentro da reserva técnica 3, acondicionada em 95 caixas em plástico corrugado com estrutura alveolar, além de caixas rotomoldadas, e apenas 2% desses vestígios estão em exposição, tanto na mostra de longa duração do Museu Paranaense, como no Museu Regional do Iguaçu, em Reserva do Iguaçu, Paraná, e no Centro Cultural de Cidade Gaúcha, Paraná.

Conclusões e perspectivas

O Museu Paranaense, fundado em 1876 em Curitiba, sul do Brasil, foi a primeira instituição no Paraná a formalmente receber materiais arqueológicos e desenvolver diferentes estudos sistemáticos em relação ao acervo e a ocupação humana em território paranaense. Ao longo do tempo as coleções arqueológicas foram sendo incorporadas cada vez mais com recursos tecnológicos e um espaço adequado com climatização e possibilidades múltiplas de implantação de estratégias de melhoramento da qualidade dos dados referentes a cada uma das peças componentes do acervo.

No século XXI, o setor de Arqueologia do Museu Paranaense vem buscando compor uma rede articulada com instituições acadêmicas e culturais para ampliar a comunicação do banco virtual de dados arqueológicos, integrar pesquisas com as comunidades locais e regionais, fortalecer a educação patrimonial e desenvolver projetos que contemplem equipes multidisciplinares. A curadoria do acervo através de um monitoramento permanente, que inclui a conservação preventiva, também se configura em um objetivo institucional.

O Museu Paranaense tem um rico acervo arqueológico e etnográfico, sendo uma das coleções a de Telêmaco Borba, do vale do Tibagi no final do século XIX, e parte da Ruhland, e como a instituição foi criada em 1876 teve a possibilidade de receber dos próprios indígenas alguns materiais que os representavam.

Como os museus passam por diferentes administrações, muitas vezes as informações básicas de origem da peça acabam se perdendo, porém quando resgatadas, como são as ilustrações do sepultamento coletivo de índios Coroados, do final do século XIX, junto ao aldeamento de São Pedro de Alcântara, e do interior de habitação Coroado (PARELLADA, 2006), também da mesma época, trazem importantes contribuições para as discussões interpretativas na arqueologia, na etno-história e na antropologia.

A articulação de materiais arqueológicos com a análise e/ ou dados referentes a objetos etnográficos e/ ou históricos pode possibilitar novas linhas de reflexão e a busca de estratégias mais complexas para a discussão arqueológica regional.



Em relação ao acervo etnográfico podemos citar, como exemplo, a análise de um bastão cerimonial, em guajuvira e que possui seção losangular com quinas arredondadas, do líder Kaingang Paulino Arak-xó, que pertenceu também ao pai de Arak-xó, foi doado ao Museu Paranaense em 1939 pela filha de Telêmaco Borba (1908). Por muito tempo, devido as várias mudanças do museu, a peça ficou com procedência indeterminada (67.05.96/ 757), sofrendo ataques sistemáticos de cupins e brocas, e em análise recente, por esta pesquisadora, foram observadas gravuras e pinturas nas quatro faces desse bastão, de comprimento 139cm, com largura das faces da base de cerca de 3cm (largura máxima entre quinas:4cm, e eixo perpendicular 3,5cm), e das faces do topo de 3,5cm (largura máxima entre quinas:5cm, e eixo perpendicular 4,5cm), observar Parellada (2008a).

Esse bastão possivelmente é o mesmo citado em Muricy (1975: 177), que o visualizou com Arak-xó em barranca da margem direita do rio Ivaí, na localidade de Areião em 1896. As gravuras e pinturas em preto (figuras humanas, seres fantásticos e animais) em cada face desse bastão parecem representações simbólicas dos quatro mitos Kaingang relacionados por Borba (1908): do dilúvio, *Nhara* (agricultura ou milho), canto e dança, e como conseguiram o fogo, que foram relatados pelo próprio Arak-xó a Borba no final do século XIX. Provavelmente o estudo, que está em desenvolvimento, das figuras desse bastão possibilite a decodificação de vários símbolos Kaingang dos séculos XVIII e XIX.

Com esta síntese relativa às coleções arqueológicas do Museu Paranaense, pode ser observada a diversidade de populações que estão representadas no acervo institucional, e a necessidade da ampliação de pesquisas arqueológicas contínuas e gestão rotineira do acervo para aumentar a compreensão sobre a história e a memória do Paraná.

Referências

BASTOS, R.L. & SOUZA, M.C. **Normas e gerenciamento do patrimônio arqueológico**. 2 ed. São Paulo: IPHAN, 256p., 2008.

APPOLONI, C.R.; LOPES, F.; MELQUÍADES, F. & PARELLADA, C.I. [In situ pigments study of rock art Jaguariaíva I archaeological site \(Paraná, Brasil\) by portable energy dispersive x-ray fluorescence \(edxf\)](#). **FUMDHAMentos**, São Raimundo Nonato, v.9, 8p. 2010.

APPOLONI, C.R.; PARELLADA, C.I.; MELQUÍADES, F.L.; JUSSIANI, E.I.; PEREIRA, F.C. & LOPES, F. The first in situ portable Raman and XRF study of rock art in South America: paintings from Morro Azul caves in Paraná State, Brazil. In: 6 International Congress on the Application of Raman Spectroscopy in Art and Archaeology. **Abstracts...** p.98, 2011.

BELL, J. Gerenciamento e proteção de coleções arqueológicas. **Anais do II Workshop de Métodos Arqueológicos e Gerenciamento de Bens Culturais**. IBPC, Florianópolis, p.231-240, 1993.

BLASI, O. Algumas notas sobre a jazida arqueológica de Três Morrinhos – Querência do Norte – Rio Paraná. **Boletim Paranaense de Geografia**, Curitiba, 2-3: 49-78, 1961.

_____. Cronologia absoluta e relativa do sambaqui do Macedo -Alexandra-52B-Brasil. **Arquivos do Museu Paranaense, NS Arqueologia**, Curitiba, n.1, 6p. 1963a.

_____. Aplicação ao método arqueológico no estudo da estrutura agrária de Vila Rica do Espírito Santo- Fênix-PR. **Boletim UFPR, História**, Curitiba, 4:1-13, 1963b.

_____. Os indícios arqueológicos de Barracão (PR) e Dionísio Cerqueira (SC). **Arquivos do Museu Paranaense/ nova série arqueologia**, Curitiba, n.2, 27p. 1965.

_____. Investigações arqueol. nas ruínas da redução jesuítica de Santo Inácio Mini, PR, Brasil, nota prévia. **Anais 36 Congr. Intern. Americanistas**, Sevilha, 1: 473-480, 1966.

_____. O sítio arqueológico de Estirão Comprido, rio Ivaí, Paraná. **Arquivos do Museu Paranaense/ nova série arqueologia**, Curitiba, n.3, 60p. 1967.

_____. Aspectos da arte pré-histórica no sul do Brasil. In: VALCAMONICA SYMPOSIUM INT. D'ART PRE-HISTORIQUE, Capo di Ponte. **Actes...** p.461-465. 1970.

_____. Cultura do índio pré-histórico. Vale do Iapó, Tibagi- PR. **Arquivos do Museu Paranaense/ nova série arqueologia**, Curitiba, n.6, 1972 .

_____. Memória fragmentada sobre a arqueologia no Paraná, nas décadas de 1940,50 e 60. **Arqueologia, Revista do CEPA- UFPR**, Curitiba, num. Especial, 4: 57-6 , 2007.

BLASI, O & CHMYZ, I. Jazida arqueológica de José Lopes, rio Ivaí – Paraná. **Boletim Paranaense de Geografia**, Curitiba, 8-9: 63-109, 1963.

BLASI, O. et al. **Projeto de cadastramento, pesquisa e proteção de sítios arqueológicos na região de Guaraqueçaba**. CNPq/ IPARDES, 60 p. (rel. interno), 1987.

BORBA, T.M. **Actualidade indígena**. Curitiba, Typ. e Lytog. a vapor Imprensa Paranaense, 1908.

BRUNO, M.C.O. A importância dos processos museológicos para a preservação do patrimônio. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, suplemento**, São Paulo, n.3, p.333-337, 1999.

CARNEIRO, C.M.S.B. **O Museu Paranaense e Romário Martins: a busca de uma identidade para o Paraná, 1902 a 1928**. Dissertação de mestrado em História, UFPR, Curitiba, 2001.

CHANG, K.C. **Settlement archeology**. California, Palo Alto, 1968.

CHMYZ, I. José Loureiro Fernandes e a arqueologia brasileira. **Cadernos de Arqueologia**, CEPA-UFPR, 10: 43-105, 2006.

FERNANDES, J.L. **Museu Paranaense: resenha histórica, 1876-1936**. Curitiba: Museu Paranaense, 1936.



FRONER, Y. & BRAGA, G. Acondicionamento e armazenagem de coleções etnográficas e arqueológicas nas áreas de RT do MAE-USP. In: **Anais 9 Congresso ABRACOR**, Salvador, p.257-264, 1998.

FURTADO, M.R. **José Loureiro Fernandes: o paranaense dos museus**. Curitiba : Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 2006, 472 p.

GETTY C.I. **Diagnóstico de conservação: modelo proposto para avaliar as necessidades do gerenciamento ambiental em Museus**. Artigo digital dispon. Site WWW.icom.org.br . 2007.

GUSMÃO, L.L.P. **A recepção de público e o perfil dos visitantes do Museu Paranaense**. Monografia do Curso de Especialização em Museologia da EMBAP, Curitiba, 74p, 2009.

HODDER, I. **Interpretación en arqueología: corrientes actuales**. 1ed.Barcelona: Editorial Critica, 1988.

HORTA, M.L.P.; GRUNBERG, E. & MONTEIRO, A.Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN- Museu Imperial, 1999.

HURT, W.R. & BLASI, O. O sambaqui do Macedo (A. 52. B), Paraná. **Arqueologia: Cons. Pesq. UFPR**, Curitiba, 2, 98p. 1960.

IPHAN. **Caderno de diretrizes museológicas**. 2 ed. Brasília: MINC/ IPHAN –DEMU, 152p., 2006.

KERSTEN, M.S.A. **Os rituais do tombamento e a escrita da história**. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

LAMING-EMPERAIRE, A. Missions archéologiques françaises au Chili Austral et au Brésil Méridional: Datation de quelques sites par le radiocarbone. **Journal Soc. Americanistes**, Paris, n.67, p. 77-99, 1968.

LEÃO, A.E. **Catalogo do objectos do Museo Paranaense remetidos à Exposição Anthropologica do Rio de Janeiro**. Curityba: Typ. Á Pendula Meridional, 1882.

LEÃO, A.E. **Guia do Museu Paranaense**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1900.

LIMA, T.A. (org.) Patrimônio arqueológico: o desafio da preservação. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, IPHAN/ MINC, Brasília, n.33, 342 p., 2007.

LOREDO, W.M. **Manual de conservação em arqueologia de campo**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural, 1994.

MARTINS, R. **Museu Paranaense: catalogos e estudos**. Curitiba: Livraria Mundial, 1925.

MARTINS, R. **Relatorio apresentado ao Secretario d'Estado dos Negocios do Interior, Justiça e Instrução Publica, Bento José Lamenha Lins pelo diretor do Museu Paranaense, Romário Martins em 1º de janeiro de 1906**. Curityba: Typ. e Lith. a vapor Impr. Paranaense, 1906.

MENESES, U.T.B. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.89-103, 1998.



MIRABILE, A. (coord.). **Relatório da oficina de avaliação global do Museu Paranaense: conservação preventiva**. Curitiba: ARCO, 2011, rel. inédito.

MORALES, M.H.L.B. **Fragmentos de história: passados possíveis no discurso da arqueologia histórica**. Tese de doutorado em História, UFPR, 2014, 351p.

MOTA, L.T. **O aço, a cruz e a terra: índios e brancos no Paraná provincial (1853-1889)**. Tese de doutorado. Assis: UNESP. 531p. 1998.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, p. 7-27, dez. 1993.

OLIVEIRA, J.A. **História da arqueologia paranaense: um balanço da produção arqueológica no Estado do Paraná no período de 1876-2001**. Dissert. Mestrado, História/ UEM, Maringá, 2002.

PARELLADA, C.I. Identificação de sambaquis através de análise fotointerpretativa na baía de Guaraqueçaba - PR. **Boletim Geografia Univ. Estadual Maringá**, v.1, p.97-103, 1989.

_____. Análise estratigráfica e das estruturas arqueológicas do Sítio Estádio de Sengés. **Arquivos do Museu Paranaense/ nova série arqueologia**, Curitiba, n.7, p.55 – 68, 1993.

_____. **Um tesouro herdado: os vestígios arqueológicos na cidade colonial de Villa Rica del Espiritu Santo/ Fênix- PR**. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, UFPR, Curitiba, 210p., 1997.

_____. Programa de salvamento arqueológico da usina hidrelétrica de Salto Caxias/PR. **Anais do XV Seminário Nacional Prod. e Transmissão de Energia Elétrica**, ITAIPU, Foz do Iguaçu, 1999.

_____. **Estudo arqueológico no alto vale do rio Ribeira: área do gasoduto Bolívia-Brasil, trecho X, Paraná**. Tese de Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, www.teses.usp.br, 271p. 2006.

_____. Arqueologia no Museu Paranaense: trajetórias e perspectivas de uma pesquisadora entre 1984 e 2006. **Revista Arqueologia, UFPR**, Número especial, Curitiba, v.4, p.231-243, 2007a.

_____. Arqueologia dos Campos Gerais. In: MELO, M.S.; MORO, R.S.; GUIMARÃES, G.B. **Patrimônio natural dos Campos Gerais**, Ponta Grossa, Editora UEPG, p.163-170, 2007b.

_____. Estética indígena Jê no Paraná: tradição e mudança no acervo do Museu Paranaense. **Revista Científica da FAP, UFPR**: Curitiba, v.3, p.215-232, 2008a.

_____. Revisão dos sítios arqueológicos com mais de seis mil anos BP no Paraná: discussões geoarqueológicas. **Fundamentos**, São Raimundo Nonato, www.fundham.org.br, n.7, 2008b.

_____. Museus e Patrimônio histórico. In: ZANON, E.R.; CASTELO, P.M.; MAGALHÃES, L.H. (org.) **A construção de políticas patrimoniais: ações preservacionistas de Londrina, região norte do Paraná e sul do país**. Londrina: Edit.UNIFIL, p.43-55, 2009a.

_____. Arte rupestre no Paraná. **Revista da FAP**, Curitiba, n.5, p.73-89, 2009b.



PARELLADA et al. **Vida indígena no Paraná: memória, presença, horizontes**. Curitiba: ProvoPar Ação Social, 2006.

PARELLADA, C.I. & GOTTARDI NETO, A. Inventário de sambaquis do litoral do Paraná. **Arquivos do Museu Paranaense, nova série Arqueologia**, Curitiba, n. 7, p.1-42, 1993.

PREUCEL, R.W.; HODDER, I. (ed.). **Contemporary archaeology in theory: a reader**. Oxford, 1996.

RANKEL, L.F. **A construção de uma memória para a nação: a participação do Museu Paranaense na exposição antropológica brasileira de 1882**. Dissertação de mestrado em História, UFPR, Curitiba, 90p., 2007.

TREVISAN, E. A gênese do Museu Paranaense (1874-1882). **Arquivos do Museu Paranaense, nova série História**, Curitiba, n. 1, 1976.

TRIGGER, B. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004,